



CULTIVAR A SABEDORIA DE EDUCAR O DESEJO

Emma Ocaña

Tradução: Susana Felizardo

Caderno 16

Curso organizado pela

Fundação Betânia

Junho – 2009

www.fundacao-betania.org

CULTIVAR A SABEDORIA DE EDUCAR O DESEJO

1. O complexo mundo do desejo: o desejo e as suas múltiplas manifestações afectivas

2. A Interpretação psicanalítica do desejo

- 2.1 A separação na origem do desejo
- 2.2 As raízes inconscientes do desejo e a sua conflitualidade
- 2.3 O impossível objecto do desejo
- 2.4 As potencialidades do desejo
- 2.5 Os vários registos do desejo
- 2.6 Os lugares 'per-versos' do desejo

3. O que é mais difícil na educação do desejo?

- 3.1 O longo e complexo caminho da maturação do desejo
- 3.2 As possíveis armadilhas do desejo
- 3.3 A dificuldade de "tornar cristão" o nosso desejar

4. A sabedoria de educar o desejo. Os caminhos de maturação do sujeito que deseja

- 4.1. O caminho inevitável das renúncias
- 4.2. O caminho da lucidez e da consciência
- 4.3. O caminho da aceitação da realidade
- 4.4. O caminho do encontro
- 4.5. O caminho da estruturação e unificação do desejo. “Dos muitos desejos ao desejo profundo”

5. Deus e as vozes do desejo: “Onde estiver o teu tesouro, aí está o teu coração”

6. Para uma pedagogia da sabedoria do desejar cristão

CULTIVAR A SABEDORIA DE EDUCAR O DESEJO

1. O COMPLEXO MUNDO DO DESEJO: O DESEJO E AS SUAS MÚLTIPLAS MANIFESTAÇÕES AFECTIVAS.

De que falamos quando falamos sobre desejos. O que é o desejo.

A primeira coisa que pretendo realçar é que o desejo faz parte do nosso **mundo de sentimentos**.

Quando falamos sobre o mundo **dos sentimentos estamos na área da vida 'afectiva'**, isto é, das nossas emoções, tanto 'positivas' como 'negativas' (não moralizar as emoções)

'Sentir' é um verbo que usamos para nos referirmos tanto à capacidade de perceber as sensações ou as alterações do próprio organismo, como também à capacidade de nos emocionarmos, ou de desejar, ou o acto de sermos afectados por estímulos espirituais¹.

A afectividade é uma realidade que está sempre localizada e contextualizada.

Segundo a psicanálise, existem dois eixos que dominam a vida afectiva:

a) '*As pulsões de Vida* como conjunto de forças, plurais, mas que possuem em comum a aspiração a manter um vínculo, uma união, um contacto com diferentes objectos de amor que vão aparecendo ao longo da vida dos seres humanos. *Eros* é designação habitual nos círculos psicanalíticos para se referir a esse conjunto de pulsões vitais que funcionam como motor de vida, de encontro e de união entre os seres vivos: força de união², agradável.

¹MARINA, J.A- LOPEZ M. *Diccionario de los sentimientos*, .Anagrama, 1999,51.

² DOMINGUEZ MORANO, C. *Los registros del deseo. Del afecto, el amor y otras pasiones*, DDB, 2001,20

b) *'Thanatos'*. Pulsões que representam a força contrária que anseia pela separação, desvinculação, abandono e morte, instintos de morte perante os quais surgem as forças agressivas como forças de luta pela vida própria e da sua prole.

Outras taxonomias da vida afectiva:

Marina, no seu dicionário sobre as emoções, seguindo Scherer, faz a seguinte taxonomia dos sentimentos:

a) *Sentimentos de índole motivacional: aqui situa os sentimentos de atracção, rejeição ou repulsa*. Têm uma componente dinâmica. E classifica esses sentimentos, desde o impulso de aproximação até ao impulso de afastamento, da seguinte forma: o impulso de aproximação de algo bom: *atracção*; o impulso de ir contra algo: a *agressão*; o impulso de se separar de algo: *aversão*; o impulso para separar algo de mim: *repugnância (vómito)*.

b) *Sentimentos de índole "energizante"*. Nestas emoções, o sujeito avalia a sua capacidade de controlo sobre a situação. Aqui situa os sentimentos de cólera, de alegria, como forma de activar o ânimo ou a tristeza que provoca a depressão. O medo também faz parte desta dimensão porque pode "energizar" para fugir da situação de perigo ou de estagnação.

c) *Sentimentos de índole judicativa*. São as emoções que surgem perante o confronto com normas ou expectativas sociais, emoções derivadas do acto de avaliar: *apreço, desprezo, culpa, orgulho*.

d) *Emoções de índole hedónica, de agrado ou desagrado. Prazer, deleite, gostar, prazer ou dor, desagrado, desgosto*³.

Dentro desta taxonomia, o desejo situa-se nos sentimentos de índole motivacional⁴.

³ MARINA, Ibidem ,58-62

⁴ Sigo a Marina en el capítulo dedicado al <<Léxico del deseo>> 65-86.

A palavra ‘desejo’ provém do latim “de-siderare”, palavra composta por um privativo e de *sidus-eris*, astro. *Desejar significa sentir a falta de um astro*. É, acima de tudo, um sentimento de ausência, embora mais tarde se lhe tenha atribuído o significado de “procurar, ansiar”.

Durante séculos, considerava-se que era necessário controlar os desejos, moderá-los. Os gregos criaram a palavra *plexonía* para designar os anseios excessivos e os moralistas preveniam-se contra os mesmos. O budismo considera que o desejo é o fundamento do sofrimento humano. Quem se liberta dos desejos, liberta-se da tirania do eu e alcança a liberdade.

Luis Vives define **o desejo** como ‘apetite do bem que nos parece conveniente, com o fim de o alcançar, se não o possuímos, ou de o conservar se já o possuímos’

O mundo afectivo do desejo insere-se na dinâmica humana de sentir falta de algo e aspirar conseguir atingi-lo.

“Desejo é a experiência consciente da tendência para algo real ou imaginário cuja posse procuramos. Anseio ou apetência pelo bem ausente ou não possuído”⁵

Sinónimos: Appetite, vontade, querer (para além do desejar ter a intenção de fazer algo para obter o desejado).

Antónimos: desânimo, apatia (sem pathos), saciedade (não existe desejo porque se está saciado, o desejo supõe a ausência), repulsa (o desejo é atracção), anorexia (sem apetite vital ou de alimentos).

⁵ Ibidem 69

O mundo do desejo engloba uma grande variedade de emoções e afecta profundamente a nossa vida afectiva.

No desejo, podemos realçar a **intensidade** do mesmo, a **acção**, ou seja a força ou energia que o sujeito coloca na tentativa de satisfação do mesmo. Os desejos incitam a fazer um esforço na direcção desejada. Essa acção pode ser realizada de muitas formas, de um modo paciente ou impaciente, com atenção ou descuido. O desejo também pode ser observado na perspectiva dos objectos desejados.

a) Em relação à intensidade:

- o *anseio*, um desejo impaciente e intenso, um desejo veemente
- a *avidez* que tem a ver com o ânsia e cobiça, com o esforço desmedido para a saciar
- a *ânsia* que é um desejo incontrolado em relação a algo, um desejo que junta à veemência a inquietude, a angústia
- a *ansiedade* é um estado de agitação, inquietude e aflição, um desejo impaciente com um grande temor de não possuir o desejado; provoca angústia e muitas vezes dificulta a respiração.

b) Em relação à acção:

- *afinco*, desejo veemente de conseguir algo ou fazer um esforço para o obter
- *empenho*, desejo veemente de conseguir algo que exige trabalho e esforço
- *solicitude*, interesse em relação a algo que se consegue com cuidado empenho

c) Os desejos também podem ser classificados eticamente através do objecto e o nível de sentimento de posse que desencadeia:

- *antojo*: cobiça por uma coisa valiosa, preciosa e singular
- *capricho*: um desejo efémero, na maior parte das vezes sem fundamento.
- *cobiça*: desejo veemente e excessivo de adquirir, possuir, guardar, juntar bens e riquezas.
- *luxúria*: desejo veemente e excessivo de prazer sexual.

De seguida, e sob a forma de esquema, passo a resumir a taxonomia descrita segundo Marina.

DESEJO = APETITE = VONTADE: movimento na direcção de alguma coisa que parece boa e atraente

Desejo + veemência = *anseio*

Desejo + veemência + actividade para o saciar = *avidez*

Desejo + veemência + inquietude = *ânsia*

Desejo + esforço = *vontade*

Desejo + esforço + persistência (+ obrigação) = *empenho*

Desejo + brevidade + sem razão = *capricho*

Desejo + veemência + sem razão = *antojo*

Desejo + sexual + sem limite = *luxúria*

Desejo + posse de bens + sem limite = *cobiça*

Desejo + posse de bens + conservá-los + sem limite = *avareza*

Desejo + glória = *ambição*

Desejo + comida = *fome*

Desejo + bebida = *sede*.⁶

2. INTERPRETAÇÃO PSICANALÍTICA DO DESEJO⁷

Para a psicanálise contemporânea, o desejo é um conceito nuclear embora não tenha chegado a figurar nos termos para os quais Freud ofereceu uma teoria específica.

A noção humana de desejo, por ser uma noção muito nuclear, é difícil de delimitar. Por um lado pode ser entendido como uma estrutura humana que exprime uma aspiração de fundo nunca cumprida ou também como algo de concreto e especial, determinada por essa aspiração de fundo, equivalente aquilo que designamos como anseio, vontade, aspiração.

Como diz Carlos Dominguez Morano: “Nesse sentido havia que determinar que uma coisa é o desejo como movimento ou tendência básica (a *epithymia* dos gregos como paixão ou desejo básico e o seu

⁶ Ibidem 85.

⁷ Sigo en algunos casos casi al pie de la letra a DOMINGUEZ MORANO, C. sobre todo en “El deseo y sus ambigüedades” Sal Terrae, nº 993, (19996:9) 607-620 y en Los registros del deseo. Del afecto, el amor y otras pasiones. DDB,2001.

equivalente latino de concupiscência⁸) e outra diferente são os desejos como formulações específicas dessa tendência em relação a alguém ou algo⁹.

Foi sobretudo Lacan que aprofundou, dentro da corrente psicanalítica, o tema do desejo. A sua postura foi também aquela que mais se vulgarizou.

2.1 A separação está na origem do desejo

A partir da nossa condição de seres separados, realidade essa que acontece com o nascimento, podemos compreender a dinâmica que origina o desejo humano.

Segundo **Lacan**, a separação do útero materno através do nascimento está **a origem do desejo**. Para ele, lá no fundo, **o desejo permanente é o da fusão, o regresso ao estado materno original, sem qualquer diferenciação**. A separação será sempre uma ferida aberta: o desejo. Uma ferida que permanece gravada no nosso corpo, o umbigo, e que nos recorda que agora **somos seres separados e por isso seres que permanentemente desejam**, mas que já fomos seres incluídos noutro ser.

Aquilo que acontece com o nascimento, que é a realidade de sermos sujeitos separados, e por isso sujeitos que desejam, tem de ser elaborado psicologicamente porque só assim poderemos amadurecer como pessoas. Quando aceitamos a nossa separação, nascemos de novo como seres humanos.

No entanto, “a separação será sempre uma ferida aberta, uma ferida que nunca chega a cicatrizar completamente; falta de fundo, falta de ser,

⁸ Este concepto sólo adquirió un sentido negativo, como expresión de la dinámica del pecado bajo el influjo de la filosofía estoica,

⁹ DOMINGUEZ MORANO, Los registros del deseo. Del afecto, el amor y otras pasiones. DDB,2001,31

desequilíbrio original constituinte que abre e origina a força daquilo a que chamamos desejo”. Dinamismo que, ao mesmo tempo, nos constitui como sujeitos e que gera uma aspiração latente para recuperar o perdido *Siempre de lo perdido canta el hombre* (Agustin García Calvo)¹⁰

2.2 As raízes inconscientes do desejo e a sua conflitualidade

Um dos aspectos fundamentais da psicanálise está na investigação sobre a dimensão inconsciente do ser humano e, de um modo especial, do desejo.

“O desejo impulsivo tem as suas raízes fora do alcance da consciência, deixando assim de ser perceptível para nós mesmos, controlável segundo a nossa vontade, modificável segundo a nossa conveniência”¹¹

Ao longo da nossa vida vamos configurando e escolhendo os objectos concretos do nosso desejo mas, lá bem fundo, o desejo continuará a querer concretizar as suas antigas aspirações. *Mas o conflito surge como uma dimensão iniludível da estrutura do desejo*. Conflito esse que é “normal” e que só se torna problemático quando perturba e cria obstáculos às duas tarefas básicas que estão centradas na nossa estabilidade pessoal: trabalhar e amar.

2.3. O impossível objecto do desejo. Qual é o objecto do desejo?

Na perspectiva que estou a analisar, existe uma clara diferenciação entre desejos e necessidades: as necessidades são satisfeitas, os desejos não porque o objecto do desejo é inatingível e, por isso, qualquer satisfação do desejo cria uma nova insatisfação. Podemos ir concretizando algumas

¹⁰ Ibidem, 34.

¹¹ Ibidem 34

das concreções do desejo mas, lá no fundo, este permanece por satisfazer.

O objecto do desejo nunca surgirá nas nossas vidas porque, na sua máxima aspiração, o desejo remete para um fantasma, para a reconstrução de um paraíso que nunca existiu a não ser no mito elaborado pela nossa fantasia.

A frustração acaba sempre por aparecer, inclusivamente quando concretizamos os nossos desejos mais ardentes. Daí a importância de educar em relação à tolerância perante a frustração.

2.4. As potencialidades do desejo

Assim como o desejo nos pode transformar em seres que vivem de quimeras, também a “ilusão” desempenha uma importante função na dinâmica humana. A ilusão é uma força que antecipa, que tenta tornar presente, aquilo que não é uma realidade e como “filha do desejo” pode transformar-se numa força fundamental para atingir os nossos ideais e projectos vitais. A ilusão é um alimento permanente de criatividade e de saúde, impulso que nos ajuda a não permanecer inertes, paralisados pela falta de esperança ou pela apatia. É um apoio para a nossa inquietude de procura e a base do desenvolvimento da esperança, o estímulo permanente entre aquilo que ainda não é mas poderá vir a ser.

Assim, é importante distinguir entre o viver de quimeras e o viver da ilusão que gera o nosso desejo. Desde que aceitemos a condição de seres separados e saibamos reconhecer a solidão como algo que faz parte da nossa constituição, o desejo transforma-se em fonte de crescimento.

2.5 Os vários registos do desejo¹²

Ao fazer parte da estrutura humana, o desejo encontra-se em todos os campos da actividade humana. O desejo está presente em tudo aquilo que fazemos para solucionar a nossa carência profunda.

Como muito bem expressa Carlos Domínguez Morano “São muitos os registos através do quais o desejo encontra uma via e uma forma de expressão. *Tantas quantos os impulsos de encontro e união que encontramos ao longo da nossa vida.* Devido à sua força inquietante, tantas vezes errante, umas vezes tacteante e outras certa, o desejo vai configurando o perfil e dinâmica de cada um. Vai abrindo portas, fechando também, colorindo ideais e visões do mundo, proporcionando luz e provocando cegueiras segundo as experiências de cada um”¹³

O desejo é um dinamismo que está essencialmente comprometido na relação: com os outros, com o mundo, com o próprio e as suas próprias fantasias e representações.

Na história da nossa vida, que em grande parte é a história do nosso desejo, as primeiras relações parentais e familiares desempenham um papel primordial.

O desejo manifesta-se de forma singular no desejo sexual onde a procura de uma fusão que quebre os limites impostos pela nossa diferença e distância encontra a sua primária e máxima expressão.

O desejo também anima e estimula o vínculo cálido e de proximidade que procuramos **na relação de amizade**. Vínculo que surge a partir da

¹² DOMINGUEZ MORANO, oc. 46-48

¹³ ibidem, 49.

gratidão e liberdade, a amizade ganha cor com a força do desejo e culmina no compromisso ético.

Não estamos habituados a situar no registo do desejo e do amor, o saudável narcisismo, a auto-estima, o amor próprio, realidades fundamentais no processo de amadurecimento mas que, tal como todas as realidades humanas, também são ambíguas e também aqui existem ‘amores que matam’.

O desejo também se aplica às grandes paixões humanas: saber, poder, ter e a outras realidades diversas: ciência, arte, religião, economia, política, transformação social. A sublimação do desejo impulsivo desempenha um papel muito importante no desenvolvimento humano.

2.6 Os “lugares” perversos do desejo.

Que o desejo se pode transformar numa armadilha mortal, num local de destruição do ser humano, é algo óbvio na vida.

Javier Quinzá, na sua obra sobre o desejo¹⁴ situa a sua armadilha mortal na capacidade do desejo de se **deixar seduzir**, segundo a sua linguagem um lugar idolátrico.

Fala da sedução do desejo como a idolatria do coração que se deixa enganar.

Uma das características da experiência de sedução do desejo é a cegueira: o desejo fica como que cristalizado e torna-se difícil distinguir o bem do mal, pelo que ou constrói ou destrói.

O desejo cega e a vontade perde a força para caminhar noutra direcção que não seja a do objecto que seduziu o desejo. Fala sobre a sedução

¹⁴ QUINZA, LLEÓ, X. *La cultura del deseo y la seducción de Dios*, Cuadernos de FyS nº 24, 1993,12-15

como sinónimo de dependência. Como se alguém mais forte que a vontade própria se apoderasse da pessoa e a arrastasse com ela. Uma situação muito comum em todos as dependências: jogo, droga, sexo, dependências afectivas, etc. A pessoa sente-se sujeito activo e passivo ao mesmo tempo e passa então pela experiência de estar perdida, arrastada pela força da sedução, da dependência.

Na experiência de sedução existe uma sensação de estar ocupado, traído e levado pela sedução que pode acabar numa verdadeira perda do seu eu, da sua própria identidade. É a profunda perversão do desejo que se afasta da verdade do sujeito e o leva cada vez para mais longe.

O nosso desejo é expansivo mas também adesivo; quando nos identificamos com os objectos dos nossos desejos ficamos fragilizados e perdemos. A liberdade fica então também seduzida, cativa numa dinâmica obsessiva e destruidora.

Consumir e possuir são hoje em dia dois lugares ‘perversos’ do desejo. Perversos porque nessa dinâmica doentia o nosso desejo enlouquece de insatisfação permanente. Consumir transformou-se num fim por si só, com um carácter claramente compulsivo e irracional. A dinâmica ‘perversa’ do desejo é que o possível se torna desejável e o desejável acaba por se transformar em necessário.

O desejo perverte-se numa maléfica deslocação para a posse. Assim, o dinheiro transforma-se no grande fetiche do desejo. *Por isso, e para se saber para onde caminha o nosso desejo, é importante analisar a nossa dinâmica económica.*

Eric Fromm analisou de forma lúcida este dinamismo perverso do desejo para a posse no seu livro *Ser o tener*. Retira-se uma frase incisiva: “se eu

sou aquilo que tenho e aquilo que tenho se perde, então quem sou eu?”¹⁵ Também realça a profunda alienação humana provocada pelos hábitos de consumo ocidentais.

Consumir deixou de ser uma experiência humana significativa para se transformar numa forma de satisfazer fantasias artificialmente estimuladas, fantasias essas que, na realidade, nada têm a ver com o nosso ser real e concreto. Consumir passou a ser um fim por si mesmo, claramente de tal modo compulsivo que, na realidade, o sujeito poderá acabar por afirmar¹⁶ sou aquilo que consumo.

É importante descobrir que, a partir desse ser essencialmente consumidor, *a relação interpessoal* também fica marcada por esse dinamismo doentio. Os outros passam a ser objectos manipuláveis, mais um produto do mercado. A mentalidade consumista utilitária e descomprometida vai-se impondo, evitando qualquer tipo de compromisso nas vinculações pessoais. O “usar e deitar fora” estende-se dos objectos até às pessoas.

A tendência é para o desapego emocional, para erguer barreiras emocionais, para evitar os riscos da decepção e do sofrimento, para não assumir compromissos profundos a fim de evitar a possibilidade de se sentir vulnerável.

Isto manifesta-se de uma forma cada vez mais vasta de viver a sexualidade sem qualquer ligação à componente subjectiva e pessoal. Sem o encontro de pessoas, o corpo do outro torna-se em puro objecto de prazer, não existem normas nem limites. A isto não é alheio o aumento da pornografia infantil, o tráfico sexual de mulheres, quando mais jovens

¹⁵ E. FROMM, *Ser o tener*, México, 1978, 110.

¹⁶ E. FROMM, *Psicoanálisis de la sociedad contemporánea*, 113-118, También LAMET, PM, *La fiebre del oro y el hombre “Light”*, *Sal Terrae* 78 (1990) 425-433.

melhor, o turismo sexual ... o sexo como artigo disponível para todos sem qualquer norma ética de referência.

No campo da experiência humana, o religioso constitui o espaço onde o desejo poderá aspirar mais intensamente à concretização das aspirações mais profundas. Na união com Deus, o desejo completaria a sua maior expectativa de fusão amorosa, de totalidade e de falta de limites. “É a experiência mística, na qual o desejo mostra de forma eminente a sua maior pretensão de totalidade e da eliminação da distância com o objecto amado”¹⁷

A experiência religiosa e a sexualidade são duas das realidades humanas onde o desejo obtém a sua mais completa canalização. Na experiência religiosa e sexual, o desejo ocupa um espaço idóneo para tentar a concretização da sua experiência mais profunda: a fusão.

¹⁷ DOMINGUEZ MORANO, *Experiencia mística y psicoanálisis*, Fe y Secularidad- Sal Terrae, 1999, con bibliografía abundante.

3. O QUE É DIFÍCIL NA EDUCAÇÃO DO DESEJO?

3.1 O longo e complexo caminho do amadurecimento do desejo¹⁸

A psicanálise oferece-nos uma perspectiva profunda do processo evolutivo através do qual o desejo aparece no nosso mundo psíquico e vai-se lentamente desenvolvendo, umas vezes na direcção do seu amadurecimento e outras vezes ficando congelado ou doente nas diversas etapas da vida.

a) Nascer é separar-se

O desejo humano está condicionado desde o momento do nascimento. A situação do feto no útero materno onde tudo está resolvido, e onde está fundido com a mãe, constitui uma referência permanente do desejo. A sua existência era de uma totalidade feliz e indiferenciada. Nascer é ser expulso desse paraíso e começar a existir como “seres separados”.

Esta separação física terá de ser realizar-se psiquicamente ao longo da vida. Esta será a grande tarefa e o desafio do desejo. A aspiração de eliminar a distância e a diferença que nos constitui permanecerá para sempre. Estamos todos na vida à procura de uma alteração que alivie a nossa separação, esta carência que faz com que sejamos seres que desejam.

b) Incorporar a alteração

A experiência da amamentação mantém no bebé a fantasia da união de fusão e, assim sendo, este continua a alimentar esse desejo. Mamar é mais do que alimentar-se: é incorporar o peito bom, nutriente, é experimentar de novo a fusão. É a chamada **fase oral** na qual alimentar-se, comer, é algo mais do que satisfazer uma necessidade biológica, é

¹⁸ DOMINGUEZ MORANO, C. *Los registros del deseo*, Capítulo 4, de la 67-88 (Es más un proceso evolutivo de maduración de la persona desde la perspectiva del deseo)

‘unir-se’, é satisfazer uma necessidade afectiva. Conjuntamente com o comer, existe uma série de actividades orais que se misturam com estas formas primitivas de satisfazer o desejo: beber, fumar, drogar-se, auto medicamentar-se ... são substituições inconscientes do desejo de incorporar a realidade. São formas de aliviar a ansiedade que deriva da não satisfação do desejo, convertendo-se por vezes em dependência que matam e destroem.

c) Ansiedades primitivas

Durante os três primeiros meses de vida do bebé, a “realidade” fora dele ainda não existe, ele é tudo e tudo é ele. A relação com a mãe (ou quem a substitua) constitui aquilo a que Rolf Carballo chamou “urdimento primário”, “urdimento afectivo” isto é exprimir uma realidade ‘constituente e programadora. “Ao mamar, ou tomar o biberão, o bebé está a incorporar não só o leite como também o rosto materno e nele o rosto da realidade que se lhe apresentará ameaçador, distante, acolhedor, seguro, feliz ... “De alguma forma, o mundo irá adquirir o rosto materno”: se as suas primeiras experiências vitais forem positivas, o bebé sentir-se-á protegido e seguro e irá crer que o mundo é fundamentalmente bom. Se as experiências forem negativas, os “objectos maus” irão povoar a sua existência e encarará o mundo como algo perigoso e ameaçador. O desafio para o desejo durante esta tenra idade será aprender a tolerar as ausências da mãe que são para ele incompreensíveis. Terá tendência para interpretar a ausência como um abandono, peito mau que não fornece alimento. O seu mundo psíquico começa a dividir-se entre um mundo bom, peito bom, e um outro mau que o abandona. Um maniqueísmo primitivo em que algumas pessoas ficam enredadas. O desafio desta etapa consiste em descobrir que não existem realidades separadas mas sim uma só realidade: a mãe que umas vezes está presente e outras ausente. Não existe um objecto totalmente bom (sempre à sua disposição), nem outro totalmente mau. Este processo irá

lentamente dar a conhecer ao bebé as relações “duais” propriamente ditas, a separação e a diferenciação vão sendo aceites. Mas *ainda não consegue encarar a mãe como um objecto separado*, isto é, alguém que existe de forma independente em relação à satisfação das suas necessidades e carências.

d) Separações e perdas

A separação continuará a surgir. O desmame desempenha um papel importante. É sempre um momento difícil porque o bebé tem muita dificuldade em renunciar ao contacto directo com a mãe. Pouco a pouco, comer será cada vez mais satisfazer uma necessidade biológica, embora permaneça sempre associada a níveis inconscientes como uma profunda marca afectiva. O amadurecimento do controlo do esfíncter dará lugar a uma nova etapa e a defecação passará a ter uma profunda carga simbólica cheia de conteúdos afectivos. É a chamada **fase anal**, segundo a psicanálise. De novo, a criança irá descobrir uma nova fonte de prazer que vai mais além do que a função biológica, a defecação, abrir-se-á **uma nova maneira de dar satisfação ao desejo: a polaridade expulsão-retenção**, ambas fontes de prazer que se irão agora estabelecer como paradigma de relação com os objectos. Este é um momento importante: por um lado exige que a criança entre em contacto com as **primeiras normas** de higiene e para além disso irá começar a relacionar-se não só com o princípio do prazer como também com o princípio da realidade. As primeiras normas que são impostas à criança: a limpeza neste caso irá necessariamente provocar frustração e, conseqüentemente, agressividade, quer ela a demonstre ou não. Mas a criança irá reagir de forma diferente: ou **revoltando-se** ou **submetendo-se**. Conjuntamente com a agressividade, a afectividade anal também fica marcada pelo **selo da onnipotência e narcisismo**. A criança sente-se orgulhosa deste novo poder que tem ao seu alcance: expulsar ou reter. Além disso, não sente repugnância perante os seus excrementos considerando-os até valiosos.

É algo seu, algo que ele faz. As crianças têm tendência para brincar com as suas fezes sem que isso os enoje. A **dinâmica reter-expulsar** irá começar a alargar-se assim como o mundo afectivo, à relação com os objectos. Mais tarde irá alargar-se a outros objectos: dinheiro, coisa, posses. Também aqui se desencadeia outra dinâmica: de **submissão masoquista ou de controlo sádico** que mais tarde se irá alargar a todas as relações interpessoais: submeter-se ou controlar dominando ¹⁹

e) A lei do desejo

Entre o terceiro e o quarto ano de vida, a criança vai-se abrindo a outra descoberta importante: **os seus órgãos genitais, melhor ainda, o descobrimento dos sexos**. A existência de duas realidades corporais distintas. Isso provoca-lhes uma intensa curiosidade e interesse. Também se aperceberão de que cada um deles, rapaz, rapariga, não tem tudo, falta algo a cada um deles. É o momento crucial para *a aceitação de uma limitação fundamental na vida do desejo: ninguém é tudo para alguém, nem ninguém poderá ser tudo para si mesmo ... O que equivale a dizer que todos os desejos humanos (desejo oral, anal, visual, tec.) serão marcados pela experiência crucial de ter tido que aceitar a insatisfação do desejo.*

Insatisfação do desejo de ser tudo²⁰. **É a lei do desejo: este não pode ser satisfeito.** Lei essa que se tem obrigado a aceitar e que na estruturação do “Edipo” encontra o seu momento mais estruturante e fundamental. O objecto total do desejo (representado para o sujeito infantil pela mãe ou o pai) está excluído do campo de satisfação²¹. A situação de Edipo é um momento decisivo na estruturação da personalidade. É o momento fundamental *na aceitação da nossa realidade como seres separados e contingentes, limitados, cujo fim será a*

¹⁹ Para comprender diversas psicopatologías del adulto que tienen en estos estadios primitivos su origen es muy claro el manual de MONEDERO, C. *Psicología evolutiva y sus manifestaciones psicopatológicas*, Biblioteca Nueva, Madrid 1972. También ROF CARBALLO, J. *Urdimbre afectiva y enfermedad*, Labor, Barcelona, 1961.

²⁰ DOMINGUEZ MORANO, C. oc. 78.

²¹ Ibidem 79

morte. O Édipo supõe o passo fundamental na direcção da renúncia da onnipotência infantil.

f) Fase latente e abertura

Durante a segunda infância e até aos anos da puberdade, o desejo abre horizontes mais vastos e buscas de ordens diferentes. É um período de relativa calma. “Fase latente”, chamou a psicanálise a esta fase para realçar o estado oculto em que ficam as grandes buscas e os desejos eróticos.

O amor pelos pais torna-se ‘platónico’. O erótico e a ternura serão diferenciados e a criança irá acolher os vários interesses que o meio social que o rodeia lhe mostra ...

Neste período da vida, desde o quinto ao sexto ano, produz-se um processo espontâneo de sublimação. Muda o objecto que irá satisfazer o desejo e altera o tipo de satisfação.

O horizonte familiar amplia-se e aparecem outras instituições socio-culturais entre as quais a escola desempenha um papel primordial. É a etapa das múltiplas aprendizagens, de reforçar a própria identidade, de estabelecer novos vínculos afectivos. É o momento de jogar com um leque de capacidades sociais para conquistar a aprovação, carinho e admiração dos outros. O resultado desta etapa não é igual para todos.

O grupo de amigos, como grupo social que se inicia nesta etapa, servirá de orientação dos interesses afectivos, e também os de índole agressiva e destrutiva. Os educadores também desempenham um papel primordial, dependendo do tipo de transferência parental a que estejam sujeitos.

g) Reactivações e Resoluções

A entrada na adolescência anula a etapa de relativa tranquilidade e o desejo sexual irrompe com muita força. Os factores biológicos desempenham um importante papel. O processo hormonal implica um

amadurecimento biológico da sexualidade e tudo isso leva ao aumento da força sexual instintiva e à reativação do desejo impulsivo.

É uma fase de crise profunda e de luta entre as forças do Ele e do Super Eu perante um Eu muito débil. Etapa de alternância entre os sentimentos depressivos e maníacos. Também é o momento das amizades íntimas com pessoas do mesmo sexo, revelando assim as componentes homossexuais mais ou menos latentes. Também começam os primeiros enamoramentos platônicos embora o sexo contrário provoque medo. Pouco a pouco, o adolescente terá de voltar a unir o desejo do terno e do erótico que separou na etapa anterior.

O desejo entra agora, decididamente, na fase de amadurecimento em que vai assumindo lentamente a ausência como a tarefa inevitável para esse fim.

3.2 As possíveis armadilhas do desejo

Durante o longo processo que os seres humanos têm de percorrer para ir amadurecendo, o desejo pode ficar paralisado, congelado ou, muito simplesmente, errar na sua orientação e dinamismo.

Para além de superar as diversas crises pelas quais tem de passar o desejo no seu processo evolutivo, também, estes terão de confrontar muitas outras dificuldades até poderem poder aceder a uma sábia educação do desejo. Passemos a enumerar algumas dessas dificuldades:

a) A ambiguidade do desejo por si só

O desejo de um ser humano com um dinamismo ambíguo pode transformar-se numa fábrica de ilusões quiméricas que provocam uma contínua insatisfação, que se transforma em ansiedade e que pode acabar por conduzir ao delírio ou doença psíquica e pode também ser o dinamismo básico do crescimento e vontade permanente de criatividade que, por sua vez, é o suporte da esperança..

Também faz parte da ambiguidade do desejo que este fique muito frequentemente vinculado ao seu oposto, um anti-desejo ou contra-desejo, que é o ódio e a agressividade. Não existe desejo sem lei, nem desejo que não venha acompanhado pela sombra do ódio e da agressividade.

b) A dificuldade que têm os seres humanos em reconhecer e viver a ausência e a carência.

Não é fácil para o nosso narcisismo reconhecermo-nos como seres separados, carentes e radicalmente sós. A carência faz parte de nós e no fundo do nosso ser, estamos sós. Só essa aceitação tornará possível o autêntico encontro com outro livre e diferente.

Zubiri definiu o ser humano como “animal de realidades” e parece que este está condenado a enfermar de ilusões. É muito penoso eliminar esta tendência que nos arrasta para o ilusório uma e outra vez.

Trata-se de aceitar que não somos tudo para ninguém e que ninguém o poderá ser jamais para nós ... podemos ser acompanhantes solidários uns dos outros e amarmos nos diversos registos do amor: casal, amizade, fraternidade, paterno-filial ...) Não é fácil reconhecer que todos os encontros são presença e ausência e que o amor-fusão como tentação do desejo poderá implicar, a longo prazo, a destruição do amor.

Para que o encontro se produza entre seres autónomos e livres é necessário reconhecer e aceitar a nossa carência, evitando assim procura ansiosa que a acalme e poder finalmente encontrar outro ser livre e autónomo, diferente, sem procurar fusões ou utilizações. O desejo que aceita a impossibilidade da totalidade e da fusão permite que não utilizemos os outros e, por outro lado, que não nos deixemos utilizar pelo desejo dos outros.

c) Outra dificuldade para educar o desejo é a inconsciência dos nossos desejos.

O carácter, em grande parte inconsciente, do nosso mundo afectivo, faz com que, em grande parte, vivamos sem nos apercebermos das motivações, impulsos, desejos e medos que fazem parte das nossas decisões e opiniões afectivas; é por isso que é tão fácil enganarmo-nos nessas ditas opções e nem sequer estar seguros de conseguir o equilíbrio e a estabilidade afectiva. No nosso mundo afectivo sexual nada está garantido.

Por outro lado, os nossos desejos podem ser reprimidos de tal forma que acabamos por não saber que os temos e confundir os nossos desejos com os de outros como significativos para nós. Esta situação conduz-nos a uma falta de autenticidade: não sabemos o que queremos e assim a nossa vida decorre por caminhos ambíguos.

d) Também não é fácil conhecer os nossos desejos profundos e não os confundir com desejos superficiais, passageiros ou parciais.

Este desconhecimento pode chegar a bloquear-nos e produzir em nós uma espécie de curto-circuito quando temos de decidir, quando existem dentro de nós desejos semelhantes e não conseguimos distinguir quais formam parte do mais profundo do nosso ser e quais os superficiais, que inclusivamente não são nossos e que foram absorvidos daquilo que nos rodeia.

e) Também não é fácil assumir que o conflito, independentemente do grau, faz parte da dinâmica do desejo que a lei, a norma e a proibição estejam sempre presentes e, nesse sentido, é importante saber aceitar serenamente que a nossa permanente tarefa de amadurecimento nunca ficará realizada.

Não vivemos tempos fáceis para os grandes desejos e talvez uma das características culturais mais perigosas dos nossos tempos seja a apatia, o défice de paixão. É por isso que não é fácil educar o desejo

apaixonando-o por Paixões que mereçam a pena; a realidade sofredora e a fé em Deus chamam-nos a ser mulheres e homens apaixonados

3.3 A dificuldade de tornar “cristão” o nosso desejo

Se não é tarefa fácil educar o desejo para o transformar em meio de crescimento humano, ainda menos é educá-lo de forma cristã: aprender a desejar aquilo que Deus deseja.

A experiência da problemática deste caminho está continuamente a surgir na vida dos grandes crentes e de um modo especial o apóstolo Paulo fala dessa dificuldade em várias ocasiões: “Assim, quando quero praticar o bem, acabo por me encontrar fatalmente com o mal nas mãos. Sem dúvida que, no íntimo, gosto da Lei de Deus, mas no meu corpo me apercebo de uns critérios diferentes. (Rm, 7,21ss).

Portanto há que ser lúcido para descobrir as resistências do nosso desejo e fortalecer a decisão de o educar na utopia cristã. Em nós confluem desejos de vários tipos que nos puxam em direcções opostas. Somos muitas vezes pessoas “carregadas de desejos mas desprovidas de orientação”²² pelo que é necessário entender os nossos desejos, fazer uma selecção, orientação e, sobre tudo, uma integração na direcção do desejo nuclear cristão segundo Jesus.

Não basta compreender o desejo como também iluminá-lo e orientá-lo adequadamente.

Não é fácil aprender a unificar o desejo no seguimento de Jesus, porque essa orientação está ameaçada a partir de dentro e de fora de nós mesmos.

Seguindo Dario Mollá, passo a enumerar algumas dificuldades concretas do “desejar de forma cristã”²³

²² QUINZÁ LLEÓ, X *La lectura del deseo y la seducción de Dios*, Cuadernos FyS. Nº24, 1993

²³ DARÍO MOLLÁ, “Pedagogia del deseo cristiano” *Sal Terrae*, nº 993 (1996:9) 645-657.

a) Quando o desejo se apaga ou diminui

Não é raro perceber que, paulatina e progressivamente, um desejo que foi ardente, veemente e capaz de tomar decisões arriscadas, se vai progressivamente apagando. A rotina, o conformismo, a falta de exigência, o aburguesar da vida ... vão substituindo os nossos grandes desejos e projectos.

Outras vezes, existe um “achatamento” do desejo; os grandes desejos dão lugar “pequenos desejos”, pequenas aspirações muito centradas no próprio ego, muito individualistas. O horizonte do desejo vai sendo cada vez mais limitado, mais individual, menos universal. Acabamos por desejar mais uma vida tranquila do que a causa de Jesus.

b) Quando o desejo se complica.

Por vezes, aquilo que existe é um autêntico caos no mundo dos desejos ou uma grande dispersão. Somos assaltados por desejos contraditórios de níveis muito díspares sem que sejamos capazes de colocá-los por ordem e inclusivamente, por vezes sem sermos capazes de nos apercebermos da sua contradição. “Emaranhado” que impede avançar em qualquer direcção, que produz uma profunda insatisfação por não estar a avançar seja para onde for. A pessoa não consegue uma ligação com as suas motivações profundas no meio da vida quotidiana.

c) Quando o desejo se extravía.

Outras vezes, o desejo vai se afastando do seu caminho, vai perdendo referência e acaba por perder identidade como desejo cristão. Afirma-se o desejo de seguir Jesus como intenção primordial mas a vida não vai nessa direcção. Os nossos desejos, para que se mantenham verdadeiramente cristãos, necessitam de contraste e objectivação.²⁴

²⁴ El autor propone una relectura de algunas de las principales meditaciones de los ejercicios ignacianos en esta clave: <<Dos Banderas>> nos hablarían del extravío del deseo, <<Binarios>> de enmarañamiento; Tres Maneras de Humildad>> de su apagamiento., ibidem nota 11, pg 649.

4, A SABEDORIA DE EDUCAR O DESEJO. OS CAMINHOS DE AMADURECIMENTO DO SUJEITO, SER QUE DESEJA

Como já vimos ao longo de todo este encontro, nem sempre sabemos desejar, o desejo é mutável e evolutivo; pode ter uma evolução saudável ou ficar enredado em caprichos, dependências e vícios, ou então pode permanecer doentamente insatisfeito ou reprimido.

Está claro que o desejo nem sempre é um acto livre e nem sempre segue na direcção de um verdadeiro desenvolvimento humano pessoal e social.

Como muito bem diz Carlos Domínguez Morano: “É longo o caminho do desejo. Infindável, visto que é infindável a aspiração original de eliminar a distância e qualquer diferença. Mas essa aspiração do desejo pode e deve ser organizada de modo a que o seu dinamismo se possa transformar para o sujeito num impulso de vida e não numa potência de destruição. O desejo ... pode ser fonte tanto da quimera como da esperança, do desvario e da loucura como do alento vital e da ilusão que permitem um acesso criativo à realidade. Para tal será necessário ir aceitando progressivamente a nossa condição de “seres separados” até chegar ao reconhecimento mais pleno possível

da nossa falta de ser, da ausência que se inscreve no coração do desejo. Só desta forma nos poderemos libertar da quimera que nos perde para aceder a um dinamismo que, na realidade, se empenha em criar uma ilusão. O caminho não é fácil²⁵.

²⁵ DOMINGUEZ MORANO, C. Capítulo 5 de *Los registros del deseo*. Pg.89-109,89

4.1 O caminho inevitável das renúncias.

a) A renúncia à totalidade.

Só com a aceitação da nossa condição de seres separados é possível aceder ao amadurecimento do desejo. Só através do reconhecimento da **ausência** a partir do verdadeiro pressuposto da solidão que nos constitui, o mundo se poderá abrir como horizonte de possibilidades e tornar possível o amor que dá vida e não aquele que, com a histeria, mutila e mata. Ao reconhecer a falta poderá surgir o outro.

Trata-se ... de aceitar que não somos tudo para ninguém e que nunca ninguém poderá ser tudo para nós. Podemos ser acompanhantes e solidários uns com os outros. Sempre conscientes de que essa companhia nunca pretenderá eliminar a distância e diferença que diz respeito à nossa carência mais íntima e constituinte.

O amor-fusão como tentação do desejo implica, a longo prazo, a própria destruição do amor. A fusão implica a destruição e desaparecimento dos sujeitos que trocam amor. O desejo amadurece quando se é capaz de assumir a sua carência primordial, evitando ficar perdido no remoinho da procura para o acalmar.

b) A renúncia à “casa do pai e da mãe”.

O processo até nos constituirmos como um ser independente e separado é longo. Tal como Abraão, é preciso saber ‘deixar a casa do pai e da mãe para nos encaminharmos para um lugar desconhecido’. Isto é, conseguir o encontro criativo entre si mesmo e os demais.

Esse abandono não é tarefa fácil e é o grande desafio para o amadurecimento do desejo. Trata-se de **renunciar às primeiras vinculações** que se estabeleceram com os progenitores, aos antigos amores e ódios ligados a estas representações parentais, de forma que em posteriores relações não se continue a tentar procurar um

prolongamento dessas relações para satisfazer antigas aspirações infantis.

São muitas as substituições e relações de transferência que vamos estabelecendo ao longo da vida, ou sob a vinculação afectiva que impede o abandono da casa paterna, ou sob a contra-transferência ou rejeição. O outro não será o outro mas sim uma representação parental amada ou odiada.

O êxodo será mais difícil se as primeiras relações não possibilitaram a introdução de “objectos bons”, suficientemente sólidos, para enfrentar o encontro com o distante e diferente, se não conseguirmos incorporar como partes nossas uma mãe e um pai bons, que tornem possível a renúncia à busca exterior de substituições imaginárias destes.

Em relação à metáfora paterna e o ideal do Eu estão os sentimentos de culpa. Existe uma íntima vinculação entre a vida do desejo e os sentimentos de culpa. Sobretudo em relação aos aspectos eróticos e genitais.

Para amadurecer é necessário aprender a gerir racionalmente, e em ligação com a realidade, os sentimentos de culpa, expressando a conformidade ou não com os mesmos, o consentimento ou a desaprovação.

c) A renúncia à onipotência infantil.

Renunciar à *pretensão de totalidade* que caracteriza o desejo infantil é o que vai possibilitar abandonar a casa do pai e da mãe e incorporar o aspecto materno e paterno como objectos internos orientadores da vida.

Tudo e já é a expressão que melhor define a aspiração infantil. O amadurecimento e a educação do desejo passa por aceitar que esse “tudo já” escapa às possibilidades do ser humano e a **finitude, contingência e limitação** são os parâmetros através do quais de desenrola a nossa existência.

4.2. O caminho da lucidez e da consciência.

Todo o processo de crescimento e amadurecimento passa, necessariamente, por ampliar a consciência e crescer em lucidez para **escolher e reconhecer**:

- os desejos próprios e estranhos que nos alienam;
- quando os desejos estão ajustados à realidade do sujeito que deseja e às circunstâncias e quando estes são uma quimera ilusória que nos afasta da realidade e apenas provocam ansiedade ou impotência depressiva;
- o desejo dependente que escraviza, o desejo que é uma ilusão e que nos permite continuar a sonhar e a esperar;
- quando os desejos encolhem e enfraquecem o próprio ego ou quando se abrem e conseguem transcender as próprias necessidades;
- quando o desejo se emaranha e fica perdido e disperso e quando se vai lentamente unificando em torno de valores e projectos nucleares na própria vida.

Este caminho da lucidez e consciência supõe também aprender a não reprimir os próprios desejos e projectá-los sobre outros. As razões pelas quais se podem reprimir o desejo são muitas, algumas vezes porque este foi tantas vezes negado, sobretudo nas etapas infantis em que se decide inconscientemente não desejar para não sofrer a frustração, outras porque os próprios desejos foram moralizados, culpabilizados e a pessoa acaba por sentir vergonha dos seus próprios desejos ...

As consequências da repressão acabam por afectar a estrutura do eu que já não sabe aquilo que deseja, apenas sabe aquilo que os outros desejam dele. Nesse caso será: o filho submisso, o amigo submisso, o cidadão submisso ... A tarefa educativa começará por ir desalojando os desejos

de outros e recuperar o desejo próprio. Isso não será fácil porque irá provocar medo. Mas outras vezes, a pessoa pode projectar sobre outros os desejos que se negou a satisfazer para si própria. Luta para que o filho, irmão, parceiro ... tenha aquilo que não pode ter e isso é feito através de uma energia controladora e possessiva, muitas vezes como forma de superprotecção.

A sabedoria de educar o desejo também tem a ver com a lucidez para descobrir os desejos com os quais a sociedade de consumo nos engana e seduz, fazendo-nos crer que a nossa felicidade está ligada ao consumo, prazer sem limites, ter, poder ... e acabamos por ver o nosso desejo ligado à satisfação momentânea que essas realizações produzem e perdemos de vista o melhor e mais profundo do nosso desejo.

4.3 O caminho da aceitação da realidade

Todo o processo que temos estado a enunciar é fundamentalmente um processo de aceitação da realidade, realidade de sermos seres separados, a realidade de que temos de viver a nossa própria vida e não viver de projecções, a realidade das nossas possibilidades e dos nossos limites, a realidade da nossa verdade renunciando às fantasias da nossa imagem ideal.

Aprender a educar o desejo ou a realidade supõe a aceitação da mesma quando é inamovível. Continuar a desejar que as coisas sejam diferentes apenas faz aumentar o sofrimento inútil. Por isso é importante ir aprendendo a tolerar a frustração e a liberdade dos outros como moderadores do nosso desejo.

Aprender a educar o desejo é aprender a canalizar, satisfazer, frustrar ou transformar o mesmo criativamente desviando-o para outra direcção.

Neste caminho de aceitação da realidade, também é importante aprender a satisfazer o desejo sabendo *atrasar a sua realização* para desfrutar, agradecer e partilhar mais o prazer da sua concretização e poder controlar com liberdade a força do desejo. Existem pessoas, ou situações, em que o desejo se torna muito invasivo, em que as situações de espera se tornam intoleráveis e provocam uma profunda ansiedade e, outras vezes, acabam por provocar um conflito ético porque o Eu não tem recursos para decidir da sua liberdade.

A realidade é feita de possibilidades mas o ser humano desejoso ... necessita de assumir a finitude, a limitação e a contingência. Logo à partida, dependemos do desejo de outras pessoas para que a nossa existência se concretizasse; na vida é impossível satisfazer os nossos múltiplos desejos, inclusivamente enfrentar o escândalo de que grande parte da humanidade não possui nem sequer o imprescindível para satisfazer as suas necessidades básicas. *Contingência* perante as leis da natureza, corporalidade, saúde, doenças, as circunstâncias históricas da nossa vida que nunca poderemos controlar. Resumindo, finitude e contingência porque caminhamos inevitavelmente para a morte e nunca sabemos quando seremos confrontados com essa realidade.

Renunciar a sermos deuses e aceitar a nossa potência humana limitada e finita. A única que pode converter o nosso desejo em fonte de equilíbrio, centralização e bem estar e não em ansiedade, que nos devora.

A renúncia à onipotência infantil expressa-se através da capacidade de assumir as múltiplas frustrações impostas pela vida, sem que essas frustrações desencadeiem de imediato a fúria contra os outros e contra nós mesmos. “Crescer e amadurecer implica a aceitação serena de que o nosso desejo pode ser confrontado com obstáculos, negado, reduzido nas suas aspirações sem que isso provoque uma violência destruidora”

A agressividade cruza-se ao longo da nossa vida com o desejo. Por vezes até parece que essa agressividade consegue dar força ao desejo. A vitalidade converte-se em ressentimento, amargura, ironia destruidora. Lidar com a agressividade, que acompanha sempre o desejo, é um dos elementos mais determinantes para o equilíbrio ou perturbação da dinâmica da nossa vida²⁶.

Neste caminho de aceitação da realidade, o **sentido de humor** desempenha um papel importante; é um dos sinais mais claros do amadurecimento na difícil tarefa de assumir as limitações e contingências da realidade. Com humor, a partir da aceitação da realidade, podemos de alguma forma “vingarmo-nos” superando-a. O humor não é resignação mas sim uma rebeldia que permite não conceder poder ao sofrimento e afirmar o EU e, apesar das dificuldades, fazer o prazer triunfar.

Através do humor podemos relacionar-nos com a realidade dando ao desejo uma via de satisfação mais eficaz do que a pretendida fantasia infantil de dominar a realidade.

4.4 O caminho do encontro.

O reconhecimento da ausência não conduz ao absurdo ou ao desalento perante a vida. Pelo contrário, oferece a possibilidade **do encontro** consigo mesmo, com os outros e com a realidade. Um encontro autêntico porque surge não da necessidade mas sim do desejo que reconhece a sua carência e se dirige como busca do ser livre e diferente. “Toda a comunhão e encontro entre duas subjectividades é necessariamente, e ao mesmo tempo, presença e ausência, opacidade e diafaneidade²⁷”

Ao mesmo tempo abre-se a possibilidade de um encontro íntimo consigo mesmo porque os “objectos bons internos” predominam sobre esses

26 Para ampliar este tema: ROF CARBALLO, J., *Violencia y ternura*, Espasa, Madrid, 1988. FROMM, A. *Anatomía de la destructividad humana*, Siglo XXI, 1975. DOLTO, F., *Tener hijos*, vol. 1 *Niños agresivos o niños agredidos*, Barcelona, 1981-82.

27 *Ibidem* 96.

outros de carácter ameaçador que forcem uma fuga compulsiva da própria realidade. A pessoa poderá então gozar da sua própria solidão o que lhe possibilita aceder a um encontro profundo e rico consigo mesma, encontro esse que é fonte de riqueza interna e potencia o verdadeiro encontro com os outros.

Quando se renuncia a viver as relações com os outros como transferências das relações parentais, será possível não só conhecer pessoas concretas como também ter um encontro vivificante consigo mesmo. Um bom objecto materno proporcionaria a base para um narcisismo coesivo, são, fonte de uma conveniente auto-estima e segurança. Essa renúncia, que é o primeiro passo para educar o desejo, torna possível interiorizar os “objectos bons”.

Um bom objecto paterno interiorizado significaria a incorporação de umas metas ideais e propostas de realização e desenvolvimento pessoal. A incorporação de um ideal do Eu estimulante e adequado às próprias possibilidades. Esse ideal do Eu, para ser saudável, tem de manter a distância adequada entre as possibilidades reais do Eu e as propostas ideias para que o Eu não sucumba num estado de frustração, fonte de um sentimento de inferioridade onde nunca se está à altura daquilo que o seu exigente Eu lhe propõe.

Abrir-se à presença.

Amadurecer e educar o desejo não é só renunciar e limitar o desejo mas sim fazer com que o objectivo final seja conseguir abrir-se ao outro, poder acolher a manifestação da diferença, a abertura à presença que só surge quando renunciamos à onipotência e ao narcisismo infantil.

É então que o outro pode surgir perante nós com um Tu livre e diferente, o outro não é uma satisfação do meu desejo mas sim alguém que, com a sua liberdade, nos pode responder sim ou não. É então que poderei acolher a novidade permanente do desejo do outro. Não é um objecto de

dependência, nem de domínio, nem de controlo. Muito menos alguém obrigado a aceitar aquilo que eu estou empenhado em dar. “A capacidade adulta de amar só pode ser estabelecida quando existe a possibilidade de mútuo intercâmbio na liberdade, na oferta e na procura. O intercâmbio livre evita a tentação de converter ou reduzir o outro a um objecto de domínio e controlo obrigando-o a ser o objecto do meu desejo. Quando esta tentação é superada, é possível estabelecer relações de cooperação e complementação, de intercâmbio mútuo entre a oferta e a procura. “Assim, no abandono da casa do pai e da mãe para percorrer um caminho desconhecido, isto é, escrever a própria história no seio da solidão que todos partilhamos, é possível vislumbrar umas presenças únicas e singulares ‘para cada um, junto dos quais o desejo, nos seus diferentes registos, encontra a sua alegria e satisfação.”.

4.5 O caminho da estruturação e unificação do desejo. Dos muitos desejos ao desejo profundo.

Não há dúvida que não pode existir amadurecimento do desejo sem o estruturar e sobretudo sem uma unificação que liberte o desejo da dispersão. A escuta atenta dos nossos desejos faz-nos descobrir a diferença entre a intensidade do desejo e a sua profundidade. Os nossos desejos nascem de vários níveis, são nossos e, nesse sentido, são verdadeiros; mas nem todos são autênticos, isto é, nem todos alcançam o coração da nossa identidade. Os desejos autênticos revelam a nossa verdadeira identidade e potenciam-na.

São cada vez mais os autores que reconhecem que não só é possível uma espiritualidade do desejo, como também afirmam que só escutando os nossos desejos e analisando os mesmos poderemos encontrar o nosso Eu mais profundo e encontrar a imagem de Deus no nosso coração²⁸.

²⁸ Este es la tesis del libro de SHELDRAKE, P. *Cómo llevarse bien con nuestros deseos*, DDB, 2000.

Discernir seria então percorrer um caminho avançando através da multiplicidade e diversidade dos nossos desejos ou dos nossos desejos superficiais e parciais até aos nossos desejos mais profundos, e aí estará o mais verdadeiro de nós mesmos.

Nesse movimento interior, não só nos encontramos com o nosso verdadeiro Eu como também com a imagem de Deus 'Os olhos desejados que estão desenhados nas nossas entranhas ' segundo S. Agostinho.

É então que descobrimos que o Sim ao melhor dos nossos desejos é o Sim a Deus e o seu sonho em relação a nós.

Phillis Seldrake expressa-o da seguinte forma: 'Lá no fundo de cada um de nós existe um ponto de intersecção no qual se encontram e coincidem o meu desejo profundo e desejo de Deus em mim²⁹.

Unificar não é o mesmo que estruturar ou integrar

Na vida temos que aprender a **estruturar** o nosso desejo para que este vá amadurecendo; necessitamos de integrar muitas realidades mas, para que se dê uma **unificação**, é necessário que vivamos apaixonadamente entregando-nos desde o nosso centro vital afectivo, fazendo dessa entrega afectiva o nosso desejo de vida.

Unificar-nos é passar da compulsão e dos muitos desejos para a integração de todos num Desejo maior. Não se trata de negar os desejos mas sim polarizar os mesmos numa direcção central em que segue a vida.

Unificar-nos supõe encontrar o tesouro no centro do coração³⁰: 'Onde estiver o teu tesouro, aí estará o teu coração' disse sabiamente Jesus. O primeiro mandamento seria a expressão dessa unificação. Esta experiência pode ser vivida a partir de muitas situações variadas e estados de vida. A fé vivida de forma madura configura e

²⁹ Ibidem 33.

³⁰ GARRIDO, J. *Unificar y fundamentar el deseo*. Ed Frontera , 2001,5.

unifica a pessoa. Há quem tenha mais facilidade em unificar a sua vida a partir da descoberta de Deus como pessoa, a partir da sedução da pessoa de Jesus. Outros unificam-se mais facilmente a partir da paixão pelo Reino, mas tanto uns como os outros vivem com o seu desejo unificado ao redor de Alguém e Algo que vale a pena.

Mas na experiência crente o unificar o desejo em Deus, ou no seguimento de Jesus, não é possível se Ele não vier ao nosso encontro, ao Amor.

A unificação é sem dúvida uma tarefa pessoal mas, sobretudo, um dom, é a graça que recebemos e acolhemos com assombro. Deus toma a iniciativa, vem ao nosso encontro e, quando isto acontece, a unificação será verdadeira.

É importante perguntar: onde e em quê, com quem me sinto unificado, centrado na vida?

O processo de unificação da vida vai-se notando nas nossas escolhas porque viver é escolher e escolher exige que saibamos discernir.

Inácio de Loyola nos Exercícios Espirituais afirma que para escolher bem é necessário alcançar uma indiferença santa que consiste em ter percorrido o caminho da liberdade, dos desejos imediatos até ao desejo profundo, até ao coração onde Deus habita.

Discernir implica avançar constantemente na direcção de uma relação harmoniosa mais autêntica com nós mesmos. Discernir é procurar a autenticidade. É crescer com atenção e consciência.

O ponto de partida é a atenção e a escuta de todos os nossos desejos, sem medo, porque estes são escalas até aos nossos desejos mais profundos e autênticos.

Exemplo da Samaritana: sede da água do poço até à sede do manancial de água viva.

No processo de discernimento e crescimento espiritual nenhum desejo é irrelevante.

Muitas vezes vivemos a dura experiência de nos sentirmos empurrados em direcções opostas ou por desejos incompatíveis e temos a sensação de que nos estamos a partir em mil pedaços.

O discernimento capacita-nos para ficarmos conscientes da vasta gama de desejos que sentimos; isso é “ordenar os afectos”..

Inácio de Loyola pedia àquele que se estava a exercitar para que ao menos “desejasse desejar” aquilo que Deus deseja para ele”³¹

Não é fácil “discernir” os nossos desejos e poder confirmar que escolhemos bem. A “correção” das escolhas concretas será confirmada a longo prazo, dentro da totalidade da nossa vida. É importante saber avançar sem procurar imediatamente “certezas”; só depois de percorrer um longo caminho se poderá confirmar a resposta.

Algumas pistas - desde os muitos desejos até ao desejo profundo e daí para as escolhas.

- Experiência de alegria profunda.
- Uma certa consciência de paz apesar de ser compatível com dor ou dúvidas.

³¹ Sobre el tema de la Voluntad de Dios ver el folleto de Alandar nº33 de ALEIXANDRE, D. *La voluntad de Dios: a un paso del juego y del riesgo*,

- Apercebemo-nos de que aquilo que escolhemos tem ligação com a nossa identidade.
- Desejos que nunca terminam apenas em si mesmo, acabam por provocar a saída de si próprio na direcção dos outros.
- O processo de discernimento e escolha é um processo de desprendimento: escolher é sempre renunciar e enfrentar conflitos dos nossos interesses, necessidades, diferentes desejos.

Reconhecer que discernir é ir diferenciando os nossos desejos, estruturando, unificando os mesmos. Escolher pressupõe saber que estamos sempre numa procura.

Uma espiritualidade que encara de forma séria o desejo como força motriz, reconhece a mudança como algo permanente, necessita de encontrar um sentido para o “provisório”.

O desejo está sempre à procura de algo com que se comprometer. Todos os compromissos incluem riscos e excluem a certeza total.

Só podemos discernir a verdade dos nossos desejos e compromissos de forma “provisória”.

Temos de nos comprometer de todo o coração e, ao mesmo tempo, aceitar que, dado que somos seres históricos, os nossos compromissos são sempre um risco e provisórios.

É importante saber distinguir os nossos compromissos segundo valores de base e as situações em que vamos escolhendo para os viver e que são apenas isso, situações históricas que podem ser válidas numa etapa da vida e não noutra.

Aquilo que nunca podemos esquecer em relação à espiritualidade do desejo que somos **peregrinos**. O Deus que está no coração da mudança que escapa-se-nos. “Quando o amor aumenta, também se faz a busca daquele que foi encontrado”. Tal como o amor o desejo é sempre dinâmico porque nunca está completo.

Como expressou S. Agostinho, enquanto avançamos na história o nosso coração procurará sempre até “descansar” em Deus.

5. DEUS E AS VOZES DO DESEJO. “ONDE ESTIVER O TEU TESOURO, AÍ ESTÁ O TEU CORAÇÃO.”

Na união com Deus, o desejo atingiria a sua maior expectativa de fusão amorosa, de totalidade e ausência de limites.

Agostinho interpretou esta realidade afirmando que apenas Deus poderá acalmar a inquietude permanente do nosso coração. O famoso “*Porque nos fez para Ti, e o nosso coração está inquieto enquanto não descansa em Ti*” (S. Agostinho, *Confissões*, I.1)

Ao caminharmos pela história constatamos que Deus é objecto de busca e encontro mas sempre no reconhecimento da ausência e da falta de coincidência entre a aspiração do nosso desejo e Deus como “Outro Ser” livre que nos aparece no caminho abrindo a possibilidade de uma verdadeira relação

É importante não confundir Deus com o nosso anseio. Deus é Alguém livre e diferente, não “um mero alimento devorado pela carência que se nega a ser reconhecida e aceite”³²

“Deus não é tudo para nós, esse todo que busca a carência que se inscreve no nosso desejo”³³. Deus é soberanamente livre e essa liberdade garante a nossa e é imprescindível como condição do encontro.

Se é verdade que nos sentimos atraídos por Deus, Ele não se identifica com a realização dos nossos desejos; mas o nosso desejo mantém a esperança de encontrar finalmente em Deus a sua plenitude.

Temos no entanto de reconhecer que, durante muito tempo, a espiritualidade cristã, ao separar o amor do ágape³⁴ e de eros, e ao vincular o desejo a este

32 DOMINGUEZ MORANO, C. art.cit 620

33 Ibidem 620

último, o desejo não ficou bem visto e isso dificultou a espiritualidade do desejo. Educava-se para não desejar. Era algo suspeito, embora muitos autores, inclusivamente em muitos textos bíblicos, utilizassem o desejo como metáfora para a procura de Deus por parte da humanidade. “Como o cervo anseia pelas correntes de água, assim minha alma anseia por ti, oh Deus’ (Sal 42, 1-2)”

Num excelente artigo sobre o desejo que usaremos como um enunciado desta secção³⁵, José Antonio começa por afirmar que nem todos os nossos desejos são cristãos, isto é, nem todos se enquadram na adesão e mandamentos de Jesus; isso é fácil de reconhecer mas já não é tão fácil reconhecer que *nem todo o desejo de Deus são desejo cristão de Deus.*

O desejo humano é uma paixão que pode trazer à superfície o melhor e o pior de nós mesmos e isso não muda só porque o objecto do desejo é Deus. Devido a essa possibilidade de mostrar o pior e o melhor de nós mesmos, o desejo humano, e mais em concreto o desejo de Deus, deve ser submetido ao discernimento.

O autor divide este artigo numa pergunta tripla:

- a) O desejo humano é uma realidade plana ou um indicador de transcendência? O desejo humano de Deus possui ou não raízes sagradas? Pode ou não converter-se numa transparência de Deus e veículo que nos leva até Ele? Este seria o primeiro itinerário, a viagem de ida desde o desejo até Deus.
- b) Que Deus emerge no horizonte do desejo humano e que relação estabelece Deus com ele? Perante ele responde às suas vozes ou fica silencioso? Interrompe-o, evitando assim que este entre na dinâmica inesperada da novidade? *Este seria o segundo itinerário, a viagem de regresso de Deus para o desejo.*
- c) *Que desejos desperta e faz crescer a fé em Deus, tal como esta aparece no Evangelho de Jesus e, sobretudo, no próprio Jesus. Esta seria a terceira pergunta.*

34 Nota da tradução : Vínculo que liga duas almas que se compreendem.

35 GARCÍA J.A. art. cit 633

a) Viagem de ida - do desejo humano até Deus: o desejo, indicador e motor de transcendência.

A consciência da nossa realidade humana de seres 'relativos' ou, mais claramente, seres relacionais e referenciais, é o ponto de partida para a análise do desejo. Esta afirmação pressupõe aceitar que a relação e a referência a alguém é algo substancial do ser humano. É esta realidade que nos permite abrir-nos aos outros, amar e ser amados mas, ao mesmo tempo, esse é o nosso problema, o desejo de superar a nossa solidão radical nos leva a um mecanismo duplo: **o de procura da fusão e da autêntica relação**. Da forma como resolvemos este movimento do desejo irá depender a nossa felicidade e a dos outros, a nossa humanidade ou falta dela.

Assim, o desejo humano oscila entre a experiência do vazio e a esperança da plenitude. Nessa viagem, o nosso Eu poderá ficar cativo de si mesmo ou desabrochar numa relação de alteridade ou reforçar os seus elos na satisfação da procura de fusão do seu desejo. Aqui está a ambiguidade que constitui o desejo.

“O horizonte do desejo humano pode adoptar uma forma dupla: a de um ídolo ou a de um ícone”³⁶

No primeiro caso, o horizonte do desejo é apenas uma projecção do seu próprio Eu, dos seus medos ou das suas necessidades, sem que qualquer alteridade proveniente desse Eu ... provocando um estado de cativo do Eu.

No segundo caso, quando a estrutura do desejo não é idolátrica mas sim icónica, o horizonte do desejo abre-se à alteridade, ao amor à...

O desejo possui o impulso de sair para fora de si, para dirigir-se ao mundo das coisas e da pessoa mas, se há algo que defina o desejo é que vai sempre mais além daquilo que se conseguiu, nenhuma satisfação o incomoda, o seu anseio é constitutivamente o anseio do infinito. O anseio

³⁶ GARCÍA J.A. art. cit 633

pelas transcendências e/ou pela Grande Transcendência. Não é necessário ser crente para reconhecer este dinamismo do desejo. Horkheimer falou do “anseio humano do totalmente Outro” Aquilo que varia é a interpretação que se faça desse anseio. Para Freud, Deus é uma projecção do desejo não sufocado de protecção e onipotência infantil e para Santo Agostinho é a manifestação de: “Criaste-nos, Senhor, para ti e o nosso coração fica inquieto até conseguirmos descansar em ti”.

Será que Deus é uma projecção do homem, como dizia Freud, ou é o homem que é uma projecção de Deus?

Nós, os crentes em Deus, situamo-nos claramente na segunda interpretação do desejo, o homem é fruto do desejo de Deus e por isso deseja Deus.

Por isso dizemos que o desejo pode ser um indicador de Deus, uma transparência sua. Mas é claro que nem todos os desejos são transparência de Deus, indicadores de Deus, ou caminho para Ele.

Certamente que o serão os desejos que vão ao encontro dos outros como ‘outros’, os desejos que nascem do desejo de dar e receber amor e, sobretudo, o *desejo de resposta* que nasce como consequência de uma chamada do Mistério que nos constitui e nos define.

b) Viagem de regresso - de Deus para o desejo humano. Deus e as vozes do nosso desejo.

Que faz Deus com os nossos desejos humanos?

A primeira constatação importante é não esquecermos que entre o Deus ao qual se dirige espontaneamente o nosso desejo e o próprio Deus existe algo de inadequado.

No Novo Testamento existe uma dupla valorização do desejo. Por um lado, reconhecemos-lhe o seu poder libertador e transcendente e por outro, a sua ambiguidade e perigo de deixar o Eu cativo.

Mas Jesus e o Novo Testamento conhecem muito bem o desejo como anseio de Deus, anseio de comunhão, anseio de pátria.

Jesus não foi um homem apático mas sim um homem de desejos, desejos do seu Deus que se manifesta na auto-consciência de ser seu Filho, chamado a cumprir uma missão, incansável paladino da Vontade de Deus. Jesus também é um homem desejoso do Reino, isto é, de uma nova comunidade de filhos e irmãos, um reino de inclusão. Um desejo que leva a curar, sanar, convidar, acolher a todos os indesejados deste mundo. Uma paixão por incluir a todos os excluídos, em nome do desejo de Deus tornado desejo próprio. Em Jesus, desejo de Deus e desejo pelo seu Reino são inseparáveis.

Jesus é um homem cheio de grandes desejos em torno dos quais unifica e totaliza a sua vida; mais do que ter grandes desejos, dá a sensação de estar possuído por um Desejo que o enche de alegria e o mobiliza.

A primeira Comunidade mantém essa paixão do desejo; inclusivamente, a criação deseja com dores de parto participar na filiação. São homens e mulheres que unificam e totalizam as suas vidas no desejo de Deus e do seu Reino.

O desejo de Deus não entra em competição com outros desejos mas purifica e hierarquiza os mesmos.

“O primeiro mandamento é: amarás o Senhor de todo o teu coração ... e o segundo ...” Não sabemos unificar o desejo de Deus com o desejo dos outros. Deus não é concorrente dos homens mas há que saber viver esses dois amores com o amor a si mesmo numa unidade dialética não competitiva. Essa é uma tarefa difícil para o desejo.

No Evangelho de Jesus, Deus aparece com Pai acessível, mas também como Deus livre. Escuta e acolhe sempre mas nunca está ao serviço do nosso “princípio prazer”.

Deus não é um ídolo ao serviço das nossas necessidades. Jesus chamou a Deus Abba ... isso significa que para Ele, Deus era alguém em quem se pode confiar, alguém que escuta, que atende, que acolhe. O Mistério que envolve a nossa origem e destino é um mistério acolhedor ao qual nos podemos dirigir com palavras que evocam segurança, união, pai, mãe ...

Mas tal como se passou com Jesus, Deus não nos livra das contingências da vida, não temos qualquer domínio sobre Ele. Deus ama-nos e considera-nos como outros seres distintos dele; o nosso desejo de união com Ele irá concretizar-se, no seio de uma experiência de alteridade, não isenta muitas vezes de silêncios e sentimentos de abandono. Deus é um Deus livre, com uma liberdade que coincide com o amor; é amor, mas o seu amor nem sempre coincide com as expectativas do nosso desejo.

Os grandes místicos cristãos viveram uma experiência semelhante: a sua experiência de Deus é uma mistura de desejo de Deus e de união com Ele que atravessa sempre a noite escura da distância e separação. Viveram as suas experiências místicas esforçando-se por manter a alteridade e liberdade de Deus contra as ilusões do desejo e a realidade do mundo como lugar do envio.

A religião cristã, tal como todas as outras religiões, é caracterizada pelo desejo de união com o Absoluto. A experiência cristã de Deus tem como elemento inegável que esse desejo se dirija a Deus como 'Outro' distinto de mim e que no seu interior haja um encontro com Deus que nos reenvia para prestar serviço à humanidade.

Muitas vezes temos de reconhecer em nós mesmos esse desejo oceânico e uterino de Deus, um encontro com o Todo que apague a separação e anule as tensões.

c) Três grandes desejos da fé. Que grandes desejos nascem no interior da fé cristã? Onde estiver o teu tesouro, ali estará o teu coração.

- *O desejo cristão por excelência chama-se Cristo. Alguém que é centro unificador e totalizador da fé. O objecto do desejo cristão é o seguimento de Jesus, a adesão aos seus valores, crenças, à sua pessoa. A experiência humana que mais põe em funcionamento o desejo é o agradecimento, a experiência de ter sido contemplado por alguém. O agradecimento faz brotar o*

desejo de ir com ele, de viver a vida nele e de nos mobilizarmos por ele. O desejo que seja o nosso motor mais profundo. “Eu em Cristo”, “Cristo em mim”. Um desejo assim não é óbvio, nem natural, requer o culto da oração, contemplação, encontro.

- *Ajudar os outros.* O desejo cristão ajuda os outros, está ao serviço daqueles que mais necessitam. Deus sonha com um mundo como uma família que seja a chave de inclusão e o desejo visa sempre aqueles que mais necessitam.
- *O desejo de um encontro definitivo com Deus em Cristo. Desejo que tem muitas expressões: vida no Espírito, ressurreição da carne, vida em Deus, Reino de Deus, céu novo e terra nova. É o desejo que se amplia com a experiência pessoal para a humanidade e a criação*

Salmo 63

“Oh Deus, tu és o meu Deus, de madrugada te buscarei;

A minha alma tem sede de ti;

A minha carne te deseja muito

Como terra seca e cansada, onde não há água;

Como te contemplava no santuário.

Vendo a tua força e a tua glória! O teu amor vale mais que a vida, os meus lábios te louvarão, toda a minha vida te abençoarei”

6. PARA UMA PEDAGOGIA DA SABEDORIA DO DESEJAR CRISTÃO

A tarefa de tornar mais cristão o desejo não só é possível como também faz parte da grande tradição da espiritualidade cristã. De facto, os Exercícios inicianos são sobretudo uma Psicopedagogia do desejo ou uma escola do desejo.

a) Descobrir-nos como 'objectos' do desejo de Deus

Nunca poderíamos desejá-lo a Ele se antes não tivéssemos sido desejados por Ele. Deus deseja, é o grande ser que deseja como diz Inácio na Contemplação para alcançar a Deus; o grande espanto do aluno que passou todo o processo a avivar o desejo de Deus é descobrir que “o próprio Senhor deseja desejar-me muito ...” [234]. Descobrir que sou desejado por Deus tal como sou pode parecer incompreensível e desmedido mas assim é, e isso não se deve à minha força, nem ao meu mérito mas sim ao seu amor. Esta descoberta do incrível, mas real, desejo de Deus, e a sua aceitação crente, é a chave do amadurecimento humano e cristão do seguidor de Jesus. Por outro lado, o facto do seu profundo desejo ser dar-se por inteiro às suas criaturas, a todas, aos seus filhos amados, provoca grande desejo naqueles que se sentem assim amados.

b) Fazer nosso o desejar de Deus

O Deus “ser que deseja” não só deseja entregar-se a nós como também partilhar os seus desejos, oferecer-nos aquilo que Ele deseja como outra forma de dádiva. Deus coloca em nós os seus desejos e “todo o processo

espiritual consiste em ir identificando os próprios desejos como o desejo de Deus”³⁷

Isso exige a nossa atenção para aquilo que Deus deseja; escutar atentamente os desejos profundos, saber descobrir no mais profundo do nosso ser o desejo de Deus mais íntimo que a nossa intimidade, mais nosso que os desejos dispersos e superficiais que nos rodeiam. “Os olhos desejados que estão desenhados nas minhas entranhas” na linguagem de San Juan de la Cruz.

Mas esse desejo que Deus colocou em mim só será meu quando eu o reconhecer como tal e o acolher livremente. Deus respeita sempre a nossa liberdade.³⁸

Este tornar nossos os desejos de Deus pressupõe: “procurar e escutar, apropriação e oferecimento, um discernimento imprescindível na pedagogia do desejo”³⁹. O desejo de Deus está sem dúvida inscrito no mais profundo do nosso ser e aí há que escutá-lo; mas Deus também manifesta os seus desejos fora do nosso ser nos acontecimentos da vida, nas entranhas do real, sobretudo junto dos mais necessitados do nosso mundo como se tornou evidente na vida de Jesus.

Também Jesus nos mostrou outro lugar para educar os nossos desejos e adequá-los ao desejo de Deus: No Pai Nosso, Jesus ensinou-nos a unir desejo e oração, não para alertar Deus mas para alargar o campo dos nossos desejos e dar-nos conta da grandeza da graça que pedimos.

c) Procurar lugares para alimentar e manter os desejos cristãos.

Quer gostemos ou não, temos de nos aperceber que os nossos desejos são estimulados e cultivados culturalmente. Há uns anos atrás, Andrés Tornos, Rosa Aparício e outros fizeram um trabalho de investigação muito

³⁷ ALEIXANDRE, D. <<El deseo y el miedo. Reflexiones desde la Biblia y desde la espiritualidad ignaciana>> *Manresa* 66/259 (1994) 121-130.

³⁸ CHERCOLES, A. *La afectividad y los deseos en los Ejercicios Espirituales*>> Cole. <<Ayudar>> EIDES, Barcelona, 1995, 9.

³⁹ MOLLA, D. art. cit. 651.

interessante sobre “A publicidade: nova cultura do desejo e interpelação da fé”⁴⁰ que continua a ser extremamente válido nos dias de hoje. Nesse trabalho colocam em destaque a dificuldade de manter o desejo cristão no seio de uma sociedade tão secularizada e consumista onde este parece “estranho” e difícil de entender. Assim, é imprescindível procurar contextos vitais e culturais que lhe dão alento, que o ajudem a resistir e crescer. Contextos vitais, pessoas e grupos onde o desejo cristão e o estilo de vida que promovem se torne plausível e ofereça a possibilidade de se tornar realidade, palpável. Porque poucas coisas inibem mais o desejo do que considerar o mesmo irrealizável.

d) Oferecer ao desejo formas para que se possa realizar.

É necessário activar o desejo para que este se possa manter vivo: um bom desejo que nunca chega a materializar-se ou é abandonado ou provoca uma frustração permanente. Os desejos necessitam de ser alimentados e reforçados nem que seja através de pequenas e modestas realizações, caso contrário deixam de ser operativos, morrem ou asfixiam-se.

e) Utilizar os meios adequados para iluminar e purificar o desejo.

O desejo também é um lugar de engano, por vezes muito subtil; outras vezes está doente, surgem desejos cegos, extraviados, contaminados, seduzidos e conflituosos. É por isso que é importante partilhar os próprios desejos e iluminar os mesmos. Mas, sobretudo, um lugar fundamental para contrastar e acompanhar e purificar o desejo é a realidade e os desejos e as necessidades reais dos outros são um bom lugar de contraste dos nossos desejos. E sem dúvida que se aquilo que

⁴⁰ *Miscelánea Comillas* Nº 47 (1989) 495-546

procuramos é descobrir se o nosso desejo é o não cristão, a grande referência é a personagem histórica de Jesus de Nazaré, a sua vida, os seus valores, o seu estado de espírito, as suas práticas libertadoras.

f) Estruturar e unificar o desejo em torno da pessoa de Jesus e da sua causa.

Um das grandes tarefas da vida e da pedagogia do desejo é ajudar a estruturar o desejo e unificá-lo através de uma orientação adequada. Como diz Adolfo Chercoles: “Somos um punhado de desejos, mas o importante é como estes surgiram e de onde” op.Cit., 4.

Estruturar pressupõe saber integrar, unificar é encontrar um eixo que dê consistência aos nossos desejos. A pedagogia do unificar é pedagogia da sensibilidade. “Quando a nossa sensibilidade se aproxima da de Jesus, os desejos vão-se ordenando e unificando a partir dessa sensibilidade reestruturada.”

Unificar o desejo, segundo a perspectiva cristã, é apaixonar-se tanto pela pessoa de Jesus e pelo seu projecto de vida que a própria sensibilidade se vai transformando cada vez mais a sensibilidade de Jesus.

g) A culminação do caminho: identificação com Cristo

Tornar nosso, o desejo-paixão de Cristo: “Vim para que tenham vida e para que a tenham em abundância” (Jn 10,10)

MEDITAÇÕES

1. Meditação para explorar os desejos.

- Imagina um mercado original onde podes levar tudo aquilo que desejas sem pagar: não apenas coisas materiais mas também valores, crenças, comportamentos, emoções ...
- Dá um passeio escutando os desejos do teu coração
- Num cesto vais colocando aquilo que, neste momento da tua vida, **desejas para ti**.
- Quando terminares, recomeças para escolher aquilo que desejas para outras: pessoas concretas, tarefas, projectos, grupos, realidades ...
- Retira-te para um local isolado para **analisar** aquilo que escolheste e aquilo que isso diz sobre ti, sobre os teus desejos neste momento da tua vida. Não é para te censurares mas sim para tomares consciência disso.
- Se descobrires que te falta algo voltar para ir buscar.
- Imagina um encontro com o Ressuscitado, vivo na história como um companheiro de viagem e expõe-lhe os teus desejos. Como te sentes?
- Escuta as suas palavras.
- Pede que Ele te diga quais foram os grandes desejos da sua Vida.

Para trabalhar este exercício

- Faz uma lista dos objectos simbólicos que escolheste para ti e que exprimem os teus desejos, não fazendo juízos de valor e censuras.
- Pega em cada um desses objectos; abraça-os, **apercebe-te que desejo teu há por detrás de cada um deles ...**
- Depois classifica-os para ver a que área da tua pessoa pertencem, coloca-os por ordem de preferência. De que te apercebes?
- Agora, examina aquilo que escolheste para oferecer aos outros: para quem, para que realidades ... descobre se existem ausências significativas, o que te diz aquilo que escolheste e as ausências, se estas existirem.
- Aproxima-te do Ressuscitado e mostra-lhe tudo aquilo que escolheste: escuta as suas palavras, pede-lhe o seu olhar para que as possas ver como Ele.
- Recupera as palavras que Ele te disse, em nome de Deus, através da meditação “os teus desejos são-me todos familiares, com eles te abraço. Cubro-te com a palma da minha mão”
- Pede-lhe que partilhe contigo os desejos que albergou no seu coração enquanto caminha na História e deixa-o ajudar-te a educar os teus desejos.

2 – Viagem simbólica de barco até outro país

- Imagina uma viagem de barco até outro país, uma viagem que te irá permitir começar de novo, estrear vida nova.
- Deixa para trás aqui aquilo que consideras velho e caduco e escolhe aquilo que consideras importante ... Faz uma mala com aquilo que consideras imprescindível para seres tu mesmo, para que possas falar, expressar-te, para seres aquilo que queres ser ... (mala com objectos reais mas sobretudo simbólicos).
- Talvez necessites de te despedir de algumas pessoas. O que sentes?
- Durante a travessia surge uma tormenta, o barco está demasiado pesado e há que largar lastro e pedem-te para deitares fora dois ou três “objectos”... aproxima-te da tua mala e escolhe aquilo que vais lançar borda fora ...
- Durante a travessia terás de te ir desfazendo daquilo que levas até que te anunciam que apenas poderás ficar **com três realidades**, três objectos simbólicos que consideras imprescindíveis para poderes ser tu mesmo no novo país. Tenta perceber aquilo que, neste momento da tua vida, é o núcleo da tua identidade, aquilo sem o qual sentes que não serias tu. Isso é toda a bagagem da tua vida: três realidades que consideras sinais da tua identidade, colunas vertebrais da tua vida.
- A viagem chega ao fim ... como te imaginas nesse país com essa bagagem mínima? Essas três realidades são os teus sinais de identidade ...
- Ao terminar a viagem e chegares a esse novo país encontras-te com Jesus de Nazaré, viajante incansável, e perguntas-lhe qual foi a essência da sua existência. Quais foram para Ele as três palavras chave que estruturaram a sua vida. Deixa que te conte o

segredo dos seus três grandes desejos, paixões que deram força à sua identidade.

- Partilha com Ele as tuas paixões, tenta perceber se existe algo em comum e em que se diferenciam ... Sente com que carinho e respeito Jesus escuta a descrição da selecção que efectuaste. Esforça-te por viver o melhor que possas com aquilo que escolheste como essência do teu ser. Lembra-te que quando te fundes com os teus desejos profundos, o teu sonho e o de Deus ficam interligados.

Depois do exercício.

- Toma nota dos teus três desejos mais nucleares, retoma-os, e percebe desde quando é que esses desejos te acompanham na vida.
- Pergunta a ti mesmo se existe algo na vida do dia-a-dia que te dificulte viver como queres esses desejos profundos. Que fazes tu para não viver isso que é tão nuclear para ti, onde estão os obstáculos, onde ficas bloqueado? O que teria de mudar em ti para poder viver isso? Existe alguma mudança que esteja nas tuas mãos para que possas viver o que queres tal como desejas?
- Se algo te dificulta isso, é porque ganhas com isso, apercebe-te das tuas “ganhos” e das tuas “perdas”.
- Termina a tua oração pedindo a Jesus que te diga como viver centrado no ser essencial. Onde estiver a essência do teu ser, ali está aquilo que Deus sonha para ti e que, na realidade, coincide com o teu sonho mais profundo.

3. Saborear o texto da Samaritana. (Jn 4, 4-46)

- Descobre qual a **água**, qual o **poço**, ou poços, onde vais saciar a tua sede e como te sentes.
- Escuta que também hoje, o Ressuscitado vivo na história, te diz: “Dá-me de beber ...” O que significa isso para ti, o que te diz esse pedido?
- Deixa ressoar no teu coração: “Se conhecesses o dom de Deus e quem é aquele que te pede para beber, perder-lhe-ias e ele dar-te-ia **água viva** “... aquele que beber da água que eu lhe der **nunca mais terá sede**; a água que eu lhe der irá transformar-se dentro de si num manancial de água que irá jorrar e dará vida definitiva” (**Jn 4, 10.14**).
- Tenta entender o significado para ti, neste momento da tua vida, destas palavras de que te falei, da experiência que tens dessa água que nasce lá dentro...
- Convido-te a fazeres tuas as palavras da Samaritana: “Dá-me dessa água para que não volte a ter sede ...” e tenta entender o que significa esse pedido.

“Procuro o teu rosto”. Tal como o cervo anseia por água viva, a minha alma tem sede de ti”

Escuta a voz que surge no **mais profundo do teu ser** e que diz: o meu rosto na profundidade do teu coração, na tua sede está a sede do teu Deus ... aí está, nas profundezas do teu coração, nas profundezas da realidade, em tudo aquilo onde está Deus, sendo e possibilitando o ser.

Tal como reconhece a Samaritana; Os “teus maridos”, os “deuses falsos” aos quais prestas culto e que te impedem de saborear a água viva e depois analisa e partilha a tua experiência com os teus para que também cada um procure dentro de si a fonte da água viva.

BIBLIOGRAFÍA BÁSICA

***DOMINGUEZ MORANO, C .*Los registros del deseo Del afecto, el amor y otras pasiones, DDB, 2001.*

DOMINGUEZ MORANO, C. *Psicodinámica de los ejercicios ignacianos, Mensajero, Sal Terrae, 2003,139-162.*

GARCÍA-MONGE, J.A. "Tener acaparar, poseer...Ecología del alma liberada. *Sal Terrae, Febrero, 2000, 129-140.*

GARRIDO, J. *Unificar y fundamentar el deseo. Apuntes. Instituto teológico de vida religiosa, Ed Frontera, 2001.*

MANRESA, F. <<*Andando siempre a buscar lo que quiero*>>, Colec Ayudar, Cristianismo i Justicia, 1991.

MONOGRÁFICO *Estructurar y unificar el deseo, Sal Terrae, Noviembre 1991.*

MONOGRÁFICO: *El deseo. Entre el ídolo y el icono. Sal Terrae, Septiembre 1996.*

MONOGRÁFICO, *Esas pasiones que nos matan, .Sal Terrae, Febrero 2.000.*

MONOGRÁFICO, *El desorden de los deseos, Communio 22 (2000*

QUINZA, J. *La cultura del deseo y la seducción de Dios. Cuadernos FyS, nº24, 1993.*

SHELDRAKE, P. *Cómo llevarnos bien con nuestros deseos, DDB,2000.*

Título Original:

Cultivar la sabiduría de educar el deseo.

Autora:

Emma Martínez Ocaña.

- 2009